

CORDEL E JORNALLISMO

JOSÉ OSSIAN LIMA

Manifestação das mais ricas da cultura popular nordestina, a literatura de cordel, na zona rural, não perdeu ainda a sua função como intermediária no processo de comunicação. Ao lado das reedições de folhetos já tradicionais, são lançados sempre outros que enfocam os acontecimentos mais recentes.

Assim, hoje, mais do que nunca, a literatura de cordel assume conotações essencialmente jornalísticas, desempenhando o papel do jornal para muitas pessoas do interior. É a visão das ocorrências do dia-a-dia numa perspectiva em que o poeta se identifica com o povo, uma recodificação da mensagem divulgada anteriormente pelo rádio e jornal. Esse o relacionamento que abordaremos a seguir.

LITERATURA E/OU JORNALISMO?

Há quem afirme que os folhetos populares se enquadram muito mais dentro do jornalismo do que na literatura. Naturalmente a questão depende do modo como seja encarada a literatura de cordel. Do ponto de vista antropológico, literatura, "qualquer que seja a forma em que se apresente, tira seus materiais da experiência de seus criadores. O artista cujo meio de expressão é a palavra, não menos que o artista que pinta ou trabalha a madeira ou a pedra, atua como filho de sua cultura; suas reações estão sempre relacionadas com os padrões formais e seus valores refletem os valores nela subjacentes". (1) Por sua vez, Raul Moreira Lellis escreve sobre o assunto: "A literatura é uma arte que tem como meio de expressão

(1) HERSKOVITS, Melville J. *Antropologia cultural*. São Paulo Mestre Jou, 1969, v. 2, p. 222.

ou como material a palavra." (2) No entanto, explica essa definição simplista, observando que o que se escreve ou se diz deve ter beleza ou provocar sentimento e acrescenta que "há criações do folclore, da literatura popular, de beleza imensa e forma pobre".

Bom, essa conceituação toda foi para mostrar que desse modo os folhetos modestos vendidos nas feiras constituem uma literatura. Afinal, há ciclos (o amoroso, o heróico e outros) na literatura de cordel cujas obras são verdadeiros romances, autênticas novelas, trabalhos de literatura, portanto. Se os seus autores pecam na forma, aí a história é outra.

E quando é que a literatura de cordel ganha um cunho jornalístico? Quando, ao invés de se preocupar com relatos épicos e amorosos, cuida da narrativa, do comentário, da crítica em torno dos eventos do cotidiano. Nesse caso, estará se reportando a enchentes, desastres, competições esportivas e outros fatos. É evidente que não se trata de um jornalismo científico, dentro das mais modernas técnicas de comunicação. Muitas vezes peca pelas tendências sensacionalistas. Contudo, não deixa de ser uma forma de jornalismo, por mais rudimentar que pareça: faz do dia-a-dia a sua temática, numa mensagem dirigida a um receptor mais ou menos previsto.

Como tentamos demonstrar, a literatura de cordel tanto pode ser considerada literatura, como jornalismo, na dependência, é óbvio, de como se tomam esses dois conceitos e de cada folheto em estudo. *A Donzela Teodora*, de João Martins de Athayde, nada tem de jornalístico, ao passo que um trabalho como *O Industrial Fracassado ou o Senador Caloteiro do Pernambuco*, de Abraão Batista, é uma verdadeira reportagem. Hoje, entretanto, os aspectos jornalísticos predominam na literatura de cordel, como estudaremos adiante.

JORNALISMO POPULAR

Ainda na sua fase oral, no século passado, a literatura de cordel, ao lado dos casos de amor e de aventuras de heróis imbatíveis, narrava ocorrências dos locais em que residiam os poetas. É o que Ricardo Noblat chama de "jornalismo oral", (3) na poesia popular. Depois, a poesia passa a ser escrita, impressa em tipografias modestas, como se verifica ainda hoje. Na sua evolução, a literatura de cordel, simultaneamente às influências de fora, ia aproveitando os

(2) LELLIS, Raul Moreira. *Português no colégio*. São Paulo, Nacional, 1968, p. 191.

(3) NOBLAT, Ricardo *Literatura de cordel*. O povo é o autor e o personagem. *Manchete*, Rio de Janeiro, 1, 224:124, 4 out. 1975.

eventos locais, através dos chamados folhetos de ocasião, num enfoque de fatos também do exterior.

Hoje, o folheto jornalístico desempenha papel de destaque como “intermediário de um amplo processo de comunicação que, sem ele, em muitos casos, não se completa. Serve de avalista de notícias publicadas em jornais ou transmitidas por emissoras de rádio e televisão porque o leitor, muitas vezes, lhe dá mais crédito”. (4) Realmente, existe aí aquele problema que em comunicação denominamos de credibilidade: o homem humilde, apesar de ter tomado conhecimento da notícia através do rádio ou jornal, prefere o relato do poeta, por uma questão até mesmo de maior identificação com o emissor, o autor do folheto.

Nessa situação, baseando-se muitas vezes na própria reportagem ou notícia divulgada pelo jornal ou rádio, o poeta popular recodifica a mensagem, de uma maneira mais coerente com os seus sentimentos. É aí que ele poderá acrescentar (embora nem sempre o faça) detalhes e modificar as reportagens, exagerando também nos títulos. Nesse modo de ver as coisas, os folhetos de cordel se assemelham, em muitas oportunidades, aos jornais populares (*Notícias Populares*, de São Paulo, *O Dia*, do Rio de Janeiro, e outros) inclusive no que se relaciona à escolha dos temas (crimes de impacto, desastres, casos de misticismo etc.). A propósito, declara o poeta de Campina Grande, Antônio de Mulatinha: “Mesmo que a história seja boa, a gente tem de inventar de oitiva alguma coisa, uns detalhes, uns troços, pro folheto vender ainda melhor.” (5)

O importante é que o folheto não se limita à simples narrativa ou descrição. Fez também um jornalismo interpretativo e/ou opinativo, o que aumenta a importância de cada obra como peça para estudos sociológicos, já que reflete melhor a cosmovisão do povo em torno dos mais diversos assuntos.

A capa — A posição do poeta diante do assunto focalizado se reflete já a partir da capa. Tal como no jornal popular, no caso do folheto a capa funciona também como um fator de venda, daí porque os autores se preocupam em que ela seja atraente. Algumas vezes, o clichê expõe muito melhor a idéia do que a xilogravura, como podemos constatar no folheto *O Homem na Lua*, do pernambucano José Soares. A capa traz um clichê em que Neil Armstrong aparece pisando o solo lunar. Nesse caso, uma xilogravura não provocaria o mesmo impacto e grau de credibilidade por parte do leitor. Já em outras ocasiões, a xilogravura é mais útil do que o clichê, porque representa com mais vigor o tema central do folheto. É um exemplo o folheto de Abraão Batista, intitulado *O Fazendeiro que castrou o Rapaz porque namorou a sua Filha*, que tem na capa

(4) *Id.*, p. 125.

(5) *Id.*, p. 124.

uma xilogravura em que Abraão reproduz a cena da castração. Numa xilogravura ingênua, ele mostra as faces sádicas dos castradores, o que por si só já significa uma tomada de posição...

O título — Também como se observa no jornal popular, na literatura de cordel o título é outro elemento digno de atenção na capa. Olegário Fernandes, por exemplo, explica que “o título é mais importante do que a ilustração” e diz que “a arte está no título, botar palavras que tocam na mente do povo é que vende folheto”. (6) Isso leva o poeta a uma escolha intuitiva, sem qualquer conhecimento técnico, de títulos como *A Inundação de Setenta e Quatro e o Clamor dos Flagelados* (Raimundo Viana) e *O Fenômeno do Bode Que Nasceu Metade Gente e Metade Bode* (Abraão Batista). Comumente, utilizam-se dois títulos para um mesmo folheto, na esperança de que tal medida aumente o impacto junto ao leitor. Um exemplo: *O Industrial Fracassado ou o Senador Caloteiro do Pernambuco*, de Abraão Batista. Na verdade, o que interessa é “agarrar” o leitor pelo título, se necessário dizendo as coisas de maneira direta, como no folheto *O Ladrão que quis roubar a Matríz de Juazeiro e morreu*, de Abraão Batista.

O texto — Mesmo no folheto de ocasião ou de época, como se chama aquele de caráter jornalístico, o texto se distribui em estrofes, sem qualquer outra subdivisão, ao contrário, nesse aspecto, da reportagem publicada no jornal, que consta de várias partes, indicadas por subtítulos.

Como já frisamos, o relato é fiel na maioria das vezes à fonte do poeta, apesar de alguns, em certas oportunidades, apelarem para o exagero. Como informa Eduardo Campos, “as datas, os nomes de pessoas, a localização geográfica, tudo isso é de grande importância no desenvolvimento da história que se ergue num feito de ordem pública”. (7)

Quase sempre, o folheto começa, para não fugir à tradição, com uma invocação a Deus:

*Ó Deus, meu Deus tenha pena
dessa pobre humanidade
dos humildes e injustiçados
que sofreram perversidade
dos poderosos impunes
com farsas e crueldade.*

(6) *Id* p. 125.

(7) CAMPOS, Eduardo. *Cantador, musa e viola*. Rio de Janeiro, Americana, 1973. p. 60.

(O *Fazendeiro que castrou o Rapaz porque namorou a sua Filha*,
Abraão Batista.)

ou com a apresentação do assunto:

*Desperta catolicismo.
Atenção, muita atenção
Quero contar pra vocês
com pesar no coração
porque o Bispo do Crato
proibiu Frei Damião.*

(*Frei Damião Proibido Chorava que fez Piedade*, João Alexandre.)

A verdade é que as primeiras estrofes constituem praticamente um *lead*, em que o poeta tenta responder às perguntas que? onde? como? quando? e por quê? Esse comportamento, obviamente, é intuitivo, já que os cordelistas não estudaram jornalismo, com uma exceção: o alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante. Este confessa a Ricardo Noblat: "Fiz um curso de jornalista por correspondência. Por isso, aprendi que devo procurar responder às perguntas que, quem, quando, onde, como e por que." (8)

Em seguida, o poeta faz a narrativa em ordem cronológica e encerra com a moral da história ou então uma mensagem de esperança:

*Eu digo não desanimem
lutem com força, irmãos
dessas próprias ruínas
nós todos como artesãos
construiremos outro prédio
com muitas graças e bênçãos.*

(*Incêndio e Destruição do Mercado de Juazeiro*, Abraão Batista)

A *publicidade* — Assim como no jornal, na contracapa do folheto quase sempre aparece um anúncio. O editor aproveita o espaço para divulgar os endereços seu e também dos seus revendedores. No entanto, outros preferem divulgar mensagens de firmas comerciais, inclusive, para diminuir os custos das edições, com a ajuda financeira que recebe dos anunciantes. É o que fazem, por exemplo, Abrahão Batista e Pedro Bandeira, que editam os seus próprios folhetos. (Oportunamente analisaremos esse aspecto em artigo especial.)

(8) NOBLAT, Ricardo. *ibid.*

DOIS EXEMPLOS

Focalizaremos, agora, alguns folhetos de época, para mostrar rapidamente alguns exemplos do jornalismo na literatura de cordel. Não se trata de títulos rigorosamente selecionados, mas apenas de uma amostra do assunto de que nos ocupamos até aqui.

E a Terra Brilhará Outra Vez — A Vinda do Cometa Kohoutek
— O autor, Rodolfo Coelho Cavalcante, vai direto ao fato:

*Há muita gente assombrada
Com a nova previsão
Do "Cometa Kohoutek"
Que surgirá na amplidão
De dezembro até janeiro
Como prenúncio altaneiro
De uma nova revolução.*

Em seguida, como nos *flash-backs* das reportagens dos jornais, resume a história dos cometas e os relaciona com a religião. O aparecimento do cometa é assim interpretado na conclusão do folheto:

*Vamos receber com júbilo
Esse Cometa do Céu,
Pois tudo que vem de Cima
Só faz mal para o incréu,
Seja a Fé robustecida
No Senhor Autor da Vida
Como sublime troféu*

*Dirão muitos que a Terra
Sua sombra se desfez...
Pois o Cometa Celeste
Mostrava com nitidez
O brilho do Amor Supremo
Que cintila com extremo
A velha Terra outra vez.*

*Vamos olhar para o Alto
Porque Deus está presente
O Cometa glorioso
Nada tem de deprimente
Que uma era não distante
Ilumine o Cavalcante
E o Brasil com sua gente...*

O Fazendeiro Que Castrou o Rapaz Porque Namorou a Sua Filha — De Abraão Batista — É o relato do que aconteceu no Sítio Aratama, no município cearense de Assaré, no dia 19 de outubro de 1975, quando o agricultor João Saraiva emasculou o menor L.N.S., de 17 anos. Abraão escreve nas primeiras estrofes:

*Ó Deus, meu Deus tenha pena
dessa pobre humanidade
dos humildes e injustiçados
que sofrem perversidade
dos poderosos impunes
com farsas e crueldade.*

*Com este folheto meu
eu quase não agüento
pois as lágrimas que derrama
aquele infeliz rebento
são tantas, que minha alma
também chora no momento.*

*No local de Aratama
município de Assaré
existe um rapaz moço
pobre como ele é
que trabalha no alugado
e o que tem é só a fé.*

*Não digo o nome dele
porque é de menor
com apenas 17 anos
quis pensar no seu amor
e o resultado do seu sonho
foi a realidade pior.*

*O menor com o seu pai
e outro irmão que tem
trabalhavam no alugado
pra João Saraiva, que vem
entrar nessa história
como o caso lhe convém.*

Em seguida, conta o namoro secreto entre o jovem L.N.S. e a filha do fazendeiro S.S.C., que um dia disse ao pai que o “seu enamorado à noite a desonrou”. O pai dela revoltou-se e, mesmo com o

desmentido de S.S.C., partiu para a castração, que Abraão narra assim:

*Cinco pistoleiros pegaram
o rapaz sobre um lajeiro
4 deles nos braços e pernas
e um infeliz embusteiro
puxou uma peixeira grande
como se fosse um cangaceiro.*

*Tiraram as calças do menor
e com a faca afiada
castraram o pobre rapaz
sem compaixão e sem nada
enquanto o pai da menina
sorria às gargalhadas.*

*Esse serviço foi feito
como se faz no sertão
o castramento do gado
bode, porco e poltrão
e sal e cinzas botaram
costurando com um agulhão.*

.....
*Quando os cabras terminaram
aquele serviço bruto
abriram a boca do infeliz
e botaram aquele fruto
para o pobre o engulir
engulindo o próprio fruto.*

No final, a inocência de L.N.S. e a esperança de justiça divina:

*A mocinha foi examinada
pelo médico competente
a resposta foi clara
no seu lado experiente
L.N.S. não a desvirginou
e isso ouvi de muita gente.*

*No meu Estado esse crime...
o que faço, ó meu Jesus?
melhor nunca chamá-lo
"a grande terra da luz"
mas acredito que Deus
fará a justiça ao que expus.*

"HISTORIADORES" OU "POETAS-REPÓRTERES"

Atualmente, a maioria dos cordelistas integra-se ao grupo dos "historiadores" ou "poetas-repórteres", isto é, aqueles que escrevem folhetos sobre acontecimentos do cotidiano verificados no seu contexto ou mesmo fora dele. Alguns, por acreditarem que estão ajudando a contar a história da comunidade, se nomeiam "historiadores". Outros, conscientes de que praticam uma forma simplificada de jornalismo, preferem a denominação de "poetas-repórteres".

Os "poetas-repórteres" existiram na poesia popular desde a fase oral, citando-se entre os que se destacaram no passado Leandro Gomes de Barros, Francisco Firmino de Paula, João Martins de Athayde, José Cordeiro, Moisés Matias de Moura e outros. Entre os que se encontram em atividade, podemos mencionar:

Rodolfo Coelho Cavalcante — Alagoano, reside há muitos anos em Salvador, onde edita os seus próprios folhetos, na quase totalidade girando em torno das ocorrências do dia-a-dia. É diretor do jornal *Brasil Poético* e pertence à Academia Castro Alves, de Salvador. OBRAS: *A Verdade Sobre o Divórcio*, *Paulista virou Tatu viajando pelo Metrô*, *A Vinda do Cometa Kohoutek*, *O depoimento de um menor abandonado*, *As modas escandalosas de hoje em dia* e muitas outras.

José Soares — Pernambucano, mora em Recife e escreve desde os 15 anos (está com 60). Ele se diz "poeta-repórter" e é autor de verdadeiros *best-sellers* no cordel, entre os quais *A Lamentável Morte do Deputado Alcides Teixeira* (51 000 exemplares), *A Esmagadora Vitória de Marcos Freire* (23 000 exemplares), *A Mentira Cabeluda e a Carreira que nós Demos*, *O Homem na Lua, partida e chegada*, *Papai virou Mamãe* e *A Sirene Não Tocou*, os dois últimos de gozação em cima da torcida do Sport, em 1969, quando o Santa Cruz foi campeão pernambucano.

Olegário Fernandes da Silva — É pernambucano de Caruaru, onde mora e imprime seus trabalhos numa tipografia de sua propriedade. Especialista em folhetos de ocasião, é um dos melhores poetas-repórteres de todo o Nordeste. Autor de *O Filho que Matou a Mãe Numa Sexta-Feira da Paixão por Causa de um Pé de Macaxeira* (20 000 exemplares), *O Menino de Duas Cabeças que Nasceu em Belo Jardim* (52 000 exemplares), *A Morte e o Sepultamento de Ludugero* (17 000 exemplares) etc.

Abraão Batista — Além de poeta, professor e xilógrafo. Está radicado em Juazeiro do Norte. Ele próprio ilustra as capas dos seus folhetos, entre os quais se destacam *A Corrupção no Ceará*, *A Canonização do Padre Cícero pela Igreja Brasileira*, *O Industrial Fracassado ou Senador Caloteiro do Pernambuco*, *O Entrechoque do Divórcio na Sociedade Brasileira*, *O Inverno de 1974 e os sinais dos fins dos tempos*, *Os Uruguaios que comeram Carne Humana*, *A Ponte*

Rio — Niterói, *Incêndio e Destruição do Mercado Público de Juazeiro do Norte-Ce.*, *O Fenômeno do Bode que Nasceu Metade Gente e Metade Bode*, *O Fazendeiro que castrou o Rapaz porque namorou a sua Filha* e a *A Proibição do Bispo do Crato contra Frei Damão*.

Pedro Bandeira — Paraíba, violeiro, há muito tempo, no entanto, fixou residência em Juazeiro do Norte, onde mantém programas diários nas duas estações de rádio locais. É considerado o “Príncipe dos Poetas Populares”, tendo escrito mais de 500 folhetos, entre eles *Os Distúrbios das Enchentes do Ano 74*, *O Divórcio no Brasil*, *O Incêndio no Mercado*, *Meu encontro com Pelé* e *Reformas do Romeirão na Gestão de Zé Campelo*.

Manoel Caboclo e Silva — Devido às suas ocupações como editor, não dispõe de muito tempo para a sua produção poética. Mesmo assim, vez ou outra, tira partido de alguns acontecimentos para escrever os seus folhetos (*O menino que nasceu com a pintura do Cão*, *Inauguração*, *Sermão* e *Centenário da Matriz de Juazeiro* e outros).

Como é extensa a relação, tivemos que omitir outros nomes, que obrigatoriamente, constariam numa pesquisa mais aprofundada. Afinal, são tão talentosos quanto os que acabamos de mencionar aqui.

UM CAMINHO?

Pelo que foi exposto, podemos concluir que o ciclo jornalístico é o grande caminho que a literatura de cordel tem a seguir. Os poetas-repórteres, ao mesmo tempo em que narram, também criticam, satirizam, comentam, analisam os mais diversos acontecimentos. É assim que eles estão ajudando a formar opinião em algumas camadas da população. Muitas pessoas, ainda hoje, adquirem os folhetos de época não porque os achem engraçados, mas por depositarem neles inteira confiança. Realmente, na maioria das vezes, através do rádio, já têm se inteirado das ocorrências, contudo preferem, dependendo da repercussão, aguardar o lançamento do folheto. Há uma identificação, neste último caso, maior entre emissor e receptor, o que torna maior a probabilidade de apreensão da mensagem veiculada.

Nessas circunstâncias, essa espécie de jornalismo dos poetas do povo irá se constituir por muito tempo ainda um sustentáculo da literatura de cordel. Alguns argumentam que essa forma de literatura popular, ultimamente é mais jornalismo do que literatura. Sem entrar no mérito da questão, queremos ressaltar apenas um detalhe: se essa “transformação” se aprofundar, a literatura de cordel adquirirá maior (ainda) poder comunicativo o que será muito bom. Afinal, como ficou demonstrado por vários autores (inclusive Luiz Beltrão, com o seu *Comunicação e folclore*), folclore é comunicação

BIBLIOGRAFIA

- CAMPOS, Eduardo. *Cantador, musa e viola*. Rio de Janeiro, Americana/INL, 1973. 144p.
- HERSKOVITS, Melville J. *Antropologia cultural*. 3.ed. São Paulo, Mestre Jou, 1969. v.2, 270p.
- LÉLLIS, Raul Moreira. *Português no colégio*. 10.ed. São Paulo, Nacional, 1968. 468p.
- LESSA, Origenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Rio de Janeiro, Ed. Documentário, 1973. 150p.

ARTIGOS:

- ARAGÃO, Lenivaldo. A guerra santa dos gozadores. *Placar*, São Paulo, 300:23-26, 26 out. 1975.
- BORBA, Marco Aurélio. A terrível peleja entre o cordel e a televisão. *Opinião*, Rio de Janeiro, 26 dez. 1975, p.18.
- FONTENELLE, João. Os trovadores do divórcio. *Opinião*, Rio de Janeiro, 16 maio 1975, p. 21.
- LIMA, Ossian. Comunicação e folclore. *O Povo*, Fortaleza, 16 dez. 1975, suplemento "Comunicação, Ano 10", p. 3.
- MONTENEGRO, Júlio Cesar. O jornal do povão. *Opinião*, Rio de Janeiro, 26 dez. 1975, p. 21.
- NOBLAT, Ricardo. Literatura de cordel. O povo é o autor e o personagem. *Manchete*, Rio de Janeiro, 1 224: 124-127. 4 out. 1975.

FOLHETOS:

- ALEXANDRE, João. *Frei Damião proibido chorou que fez piedade*. Juazeiro, 1975. 6p.
- ATHAYDE, João Martins de. *O interrogatório de Antônio Silvino*. Juazeiro, Tip. São Francisco, 1975. 16p.
- BANDEIRA, Pedro. *O Divórcio no Brasil*. Juazeiro do Norte, 1975. 8p.
- BANDEIRA, Pedro. *Meu encontro com Pelé*. Juazeiro do Norte, 1974. 8p.
- BANDEIRA, Pedro. *Reformas do Romeirão na gestão de Zé Campelo*. Juazeiro do Norte, 1974. 8p.
- BATISTA, Abraão. *A corrupção no Ceará*. Juazeiro do Norte, 1975. 16p.
- BATISTA, Abraão. *O entrelhecho do divórcio na sociedade brasileira*. Juazeiro do Norte, 1975. 16p.
- BATISTA, Abraão. *A ponte Rio — Niterói*. Juazeiro do Norte, 1974. 8p.
- BATISTA, Abraão. *O fazendeiro que castrou o rapaz porque namorou a sua filha*. Juazeiro do Norte, 1975. 8p.
- BATISTA, Abraão. *Incêndio e destruição do Mercado Público de Juazeiro do Norte-Ce*. 2.ed. Juazeiro do Norte, 1974. 8p.
- BATISTA, Abraão. *O fenômeno do bode que nasceu metade gente e metade bode*. Juazeiro do Norte, 1975. 8p.
- BATISTA, Abraão. *O ladrão que quis roubar na Matriz de Juazeiro e morreu*. Juazeiro do Norte, 1975. 8p.
- BATISTA, Abraão. *A decepção dos jornalistas no coquetel que não houve*. Juazeiro do Norte, 1975. 8p.
- BATISTA, Abraão. *A proibição do Bispo do Crato contra Frei Damiano e o porquê*. Juazeiro do Norte, 1975. 8p.
- CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A vinda do "Cometa Kohoutek"* Salvador, 1973. 8p.

- CORDEIRO, José. *Perseguições de Lampião pelas forças legais*. Juazeiro do Norte, Tip. São Francisco, 1974. 32p.
- SILVA, Manoel Caboclo e. *O menino que nasceu com a pintura do cão*. Juazeiro do Norte, 1975. 6p.
- SILVA, Manoel Caboclo e. *Inauguração, sermão e centenário da Matriz de Juazeiro*. Juazeiro do Norte, 1975. 8p.
- SOARES, José. *A esmagadora vitória de Marcos Freire*. Recife, 1974. 8p.
- VIANA, Raimundo. *A inundação de setenta e quatro e o clamor dos flagelados*. Fortaleza, 1974. 8p.